



O mago de Nova Iorque sorria

Hadasa Cytrynowicz*

A obra ficou perfeita. A boneca parecia como nova. Deu trabalho, mas ele caprichou bastante. O mago pôs a sua alma na restauração. O processo assemelhava-se a uma operação plástica nos seus mínimos detalhes. Bem, era um trabalho de artista. Pois só havia cacos. Cacos, meu Deus! Uma sobrevivente da Shoá. Ele lembrava-se ainda da sobrevivente de Hiroshima, e sua boneca em cacos. Ele sabia devolver a vida aos cacos.

A mulher veio receber a boneca. Chorou de emoção. Chorou copiosamente. Beijou o velho mago. O artista ficou constrangido. Sentia, porém, que merecia esse afeto, esse mar de afeto, guardado tanto tempo. Ele sabia que restaurou duas vidas: a da mulher e a da boneca.

Sim, os cacos. A Europa começara a ficar em pedaços já em 1939. Polônia invadida após outras invasões como a da Tchecoslováquia. Depois foram a Bélgica, França, Romênia, Hungria etc. Judeus perdiam suas raízes, as poucas que conseguiam criar na Europa. Os homens perdiam o semblante divino durante os anos nos guetos, campos de trabalho, campos de concentração, campos de extermínio, campos de batalha. Nunca os bosques e as matas da Europa refugiavam tantos homens acuados e perseguidos como se fossem animais. Nunca os buracos escuros na terra, os porões úmidos e os canais de esgoto engoliam no seu ventre pútrido tantos seres amedrontados. A espécie humana estava ameaçada de extinção. Onde estavam os ecologistas?

Ela, a mulher, perdera todos e tudo. Só havia ainda a perder uma única coisa: sua própria e miserável vida. Ela já nem se reconhecia. Já não era ninguém. Sem nome. Sem cabelo. Quase nua. Um número comprido no braço. Não falava. Não chorava. Não sorria. Não havia esperança. Perdera o seu Deus. Os outros eram iguais a ela, a mesma forma esquelética, só ossos. Não havia carne. O hoje era triste. O amanhã não seria melhor. Os sonhos eram roubados. A comida fora roubada. Os piolhos comiam os restos humanos. Doenças. Fome. Frio. Trabalho desumano. Castigos. Latrinas. Crematórios. Fumaça. O vocabulário ficou restrito.

A bela atmosfera da terra ficou poluída. Onde andavam os ecologistas?

Ela se movimentava por inércia. Nos poucos pertences que ainda tinha, tinha um embrulho ridículo. Às vezes seus dedos o tocavam, apalpavam, fugindo



para um mundo só dela. Ficava embriagada. Tonta de fome. Os cacos, no embrulho, a mantinham viva nas horas mais negras. Os cacos eram a única testemunha de algo que existia um dia (e se quebrou definitiva e profundamente). Testemunhas eram eles de um mundo primário como existe nos contos de fadas: Era uma vez. Pai. Mãe. Lar. Filha. Boneca. Comida. Amor. Contava para si sempre a mesma história, tão conhecida e tão necessária. Não se cansava. A realidade ficava mais tolerável através dos cacos de boneca. Salvavam-na do inferno palpável e eterno. Os cacos: braços, pernas, cabeça, tudo num embrulho minúsculo e ridículo.

A boneca quebrada humanizou-se sem derramar lágrimas ou sangue. Fraternalizou com os humanos. Assumiu um destino humano. Onde andavam os humanistas?

1945. Fim de um longo pesadelo de seis anos. O mundo em ruínas. Cacos.

Um milagre! Um esforço sobrenatural dos cacos. Reconstrução. O começo da vida: Respirar. Sentir. Comer. Andar. Aprender a confiar. Das cinzas nasce um ser. Na sua bagagem cacos de boneca.

E se fez a luz. O homem se ergueu. Uma fênix. Os ossos se reuniram como na profecia de Isaías. Os cacos se refizeram com implantes, transplantes, enxertos. Tudo se encaixou. Uniam se artista a obra e a mulher, sobrevivente da Shoá. A boneca sorria, símbolo de um possível futuro. Ela voltou a ser a boneca.

Será um fim do pesadelo?

O mago de N. I. sorria.

Nova Iorque, 1989.

* **Hadasa Cytrynowicz** é professora, tradutora e escritora.